

O xadrez e a dermatologia

Nelson Guimarães Proença

Fui razoável jogador de xadrez e o pratiquei, desde a adolescência até a idade adulta jovem, somente parei quando se aproximava o fim de meu curso de Medicina. Para aprender a jogar contei com um bom professor, em minha própria casa, foi meu irmão Helio, com cinco anos a mais de idade do que eu. Era jogador de primeira linha, foi campeão universitário brasileiro, lá pelos idos de 1949. Com ele aprendi muitos dos segredos do esporte.

Esporte, sim. O xadrez é mais do que um jogo, é mesmo um esporte, não de atividade física, mas sim intelectual. Quando se fala em jogo, logo se pensa nos que são ditos "de azar", como são os de cartas ou as roletas. Nestes, é impossível prever o que vai acontecer, a surpresa faz parte do jogo, pode ser boa ou frustrante, não é possível fazer previsões.

Bem ao contrário, no jogo de xadrez são dezesseis as peças em cada lado do tabuleiro, que ocupam sessenta e quatro espaços, sendo os movimentos dessas peças feitos segundo regras pré-determinadas e aceitas. Para o jogador de xadrez tudo é passível de previsão, sejam as melhores alternativas para que faça seus lances, seja para analisar as que estão à disposição de seu adversário. Não é jogo de azar, é um embate que exige estudo e estratégia, movimentos de ataque e de defesa, tudo sintetizado em determinado movimento de determinada peça.

No xadrez o acaso não tem lugar. Ou você estuda, compreende e planeja o que fazer, leva também em consideração os possíveis movimentos do adversário; ou você não faz nada disso e será um perdedor habitual.

Ao iniciar minha prática na Medicina, me veio à mente a imagem do jogo de xadrez. Era preciso conhecer bem o corpo humano, que figuradamente seria o nosso "tabuleiro de trabalho". As peças seriam, evidentemente, os órgãos e os sistemas orgânicos, espalhados por todo o corpo. As



regras do jogo resultariam das funções fisiológicas, manter a funcionalidade do conjunto era o objetivo a ser alcançado.

O adversário? Temível, o doutor Patológico, capaz de dissimular suas intenções de mil formas diferentes, de utilizar mil artimanhas para nos iludir, de mudar a todo instante sua estratégia, colocando-nos em xeque. Sempre buscando pôr em risco a vitalidade e a sobrevivência do corpo humano. Poderoso adversário, dissimulado em suas intenções, assumindo diferentes aparências clínicas, contando com um exército de microrganismos para combater sob suas ordens.

Para enfrentar tão poderoso e dissimulado adversário, era preciso estudar em profundidade o conhecimento já acumulado por todos os jogadores que nos precederam e que estavam conosco do mesmo lado da mesa. Era preciso assimilar aquilo que se chama a "experiência médica".

Perscrutar o corpo humano sadio e enfermo, compreender como se desenvolvem suas funções na vida cotidiana e como ele reage diante de variadas agressões a que fica exposto, compreender e classificar o quadro clínico que ele apresenta, essas as tarefas permanentes do médico. Só, então, fazer o "lance" correto, isto é, administrar a medicação adequada e recomendar os cuidados apropriados, visando obter a recuperação do paciente, sendo essa a vitória final.

Na ocasião em que conheci de perto a Dermatologia, senti como que um despertar, dentro de mim, de antiga e bem conhecida vocação que estava adormecida, a do jogador de xadrez.

Diante do paciente na consulta, é sempre necessário conduzir o exame clínico e a investigação diagnóstica, analisar as informações obtidas, com segurança. Igualmente estar seguro ao orientar o tratamento, sabendo o que se pode esperar. Na Dermatologia, ter diante de mim toda a pele do paciente para ser examinada, vista e tocada; submetida à biópsia ou a testes, quando necessários; contando com o laboratório e os exames de imagem, quando a suspeita era de participação sistêmica. Tudo isso dava segurança para decidir sobre a conduta a ser tomada.

O caminho estava escolhido. Primeiro foi preciso estudar e conhecer toda a experiência já acumulada. Depois, estando diante do paciente, ouvir e, na sequência, fazer o exame meticoloso da pele; sabendo escolher, entre a vastidão de exames laboratoriais disponíveis, quais os que realmente podem contribuir para complementar o estudo do caso. Só, então, classificar corretamente o processo mórbido e escolher a melhor alternativa terapêutica.

Tão logo conheci o jogo de xadrez, estudei muito para ser um razoável jogador. Tão logo conheci de perto a Dermatologia, procedi do mesmo modo. Estudei e aprendi a classificar, também a estabelecer a estratégia correta, movimentando as peças à disposição, buscando a vitória em cada embate.

Passei os quase sessenta últimos anos de minha vida aceitando o permanente desafio que me fez o doutor Patológico. Felizmente, contra ele levei a melhor, quase sempre, para minha satisfação e para alegria de meus pacientes.

Nelson Guimarães Proença

Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Membro da Academia de Medicina de São Paulo.

Primavera

Pensar no sol, olhar a lua, lembrar do vento,
da chuva generosa ou do penoso frio:
como é tão sábia a natureza em movimento,
na eterna rotação, perene rodopio!

Enquanto as folhas secas caem do arvoredado
e o meu peito só restar vazio,
a natureza realiza seu enredo,
passa o verão, outono e o inverno tão sombrio.

Renovam-se em nós anseios de esperanças,
ao simples enunciar que chega a primavera.
Perfumes e emoções, auspícios de bonanças,
alvores de prazer, após tão longa espera!

Salve a Primavera! Tu és condão da vida,
em santa disfarçada, brisa multicores,
da lua és namorada, de sol és revestida
sorriso em cada face, estação das flores!

Quimérica magia, és a nossa Alteza,
sereno renascer do belo e do encanto,
do afago fugidio, essência e natureza,
do humano coração és sonhos de acalanto!

Walter Argentio

Poeta